

Atriz A. Maia conta ao **Correio** os desafios de uma mulher transexual interpretar a Morte numa novela das 19h

POR VINICIUS NADER

Imensa. É assim que a Morte (A. Maia) aparece para os protagonistas de *Quanto mais vida, melhor!* sempre que eles se metem em apuros. Na verdade, foi ela quem salvou Paula (Giovanna Antonelli), Flávia (Valentina Herszage), Guilherme (Mateus Solano) e Neném (Vladimir Brichta), dando a eles mais um ano de vida.

Imensa. Esse é o tamanho da responsabilidade que a atriz A. Maia carrega ao quebrar paradigmas por ser uma atriz transexual interpretando uma personagem cuja sexualidade não é uma questão. “É uma quebra de paradigmas. É genial que o diretor Allan Fiterman e o autor Mauro Wilson tenham escolhido esse caminho, pois quebra com alguns estigmas e faz a gente rever imagens do que já está bem consolidado. A morte, muitas vezes, foi representada de forma tétrica. Fazer essa personagem como uma mulher, jovem e bela, ressignifica alguns valores. Isso é importante em muitos sentidos”, afirma A. Maia, em entrevista ao **Correio**.

Embora *Quanto mais vida, melhor!* seja uma comédia leve, A. Maia comemora o fato de a presença dela proporcionar uma certa reflexão ao público. “Por muito tempo e, ainda nos dias atuais, o caminho de uma pessoa trans segue o da marginalização. Ainda existe muito preconceito, muito tabu, muita moralização e discriminação e tudo isso é violência com nossos corpos. Um papel desse, que não coloca à frente a questão de gênero, é necessário, justamente porque mostra o quanto estamos além”, explica a atriz, que se diz ainda mais desafiada porque Fernanda Montenegro e Patrícia Pillar foram nomes cogitados para o papel anteriormente.

Atriz A. Maia como a Morte na novela *Quanto mais vida, melhor!*

SALVOS PELA MORTE



Globo/João Miguel Júnior

Três perguntas // A. Maia

Os quatro personagens recebem o prazo de um ano para mudar, pois um deles morrerá nesse tempo. O que você "consertaria" em um ano?

Difícil pensar nisso. Mas acredito que não tentaria consertar nada em especial, mas, sim, viver a vida da melhor maneira. Tentaria realizar os sonhos que me fossem possíveis, praticar o amor entre os meus, ficar mais próxima da minha mãe, dos amigos. Tentaria ser feliz ao máximo.

A morte é um personagem recorrente em filmes, novelas, espetáculos teatrais. Alguma interpretação serviu como uma inspiração maior para você?

Muitas vezes, vimos a Morte sendo representada de forma fúnebre, séria, macabra. Temos o exemplo da morte representada no clássico de Ingmar Bergman, *O sétimo selo*. Não fui por esse caminho. Tivemos muito cuidado em trazer uma Morte mais leve, mais lúdica. Tentamos representá-la quebrando estes estereótipos, e pensando que é uma novela das 19h, uma comédia romântica, e que a intenção é falar de vida na verdade. Acabei me inspirando em algumas vilãs da Disney, como a icônica Malévola, interpretada pela Angelina Jolie, e também em outras culturas, que encararam a morte mais como um rito de passagem do que como algo negativo, assim como alguns povos do Oriente e também a cultura nativa mexicana, com o Dia dos Mortos.

Vivemos uma época dicotômica que, ao mesmo tempo em que em alguns setores há mais representatividade e respeito às diferenças, em outros a sociedade parece mais odiosa, mais transfóbica ainda. Como vê essa questão? Sente-se mais segura hoje?

Vejo que hoje temos muitas janelas e muitos espaços de discussão. As opiniões estão mais escancaradas e públicas. À medida que vemos um levante e progressos, vemos também as reações, e o ódio. Parece-me que hoje temos alguns avanços nesse sentido, mas, justamente, num período em que o ódio às diferenças foi institucionalizado. Já me senti insegura em muitos momentos.

LEIA A ENTREVISTA COMPLETA COM A ATRIZ A. MAIA EM [HTTPS://BLOGS.CORREIOBRAZILIENSE.COM.BR/PROXIMOCAPITULO](https://blogs.correio braziliense.com.br/proximocapitulo)